

---

SEXUALIDADE, AFETIVIDADE  
E MATURIDADE NA BÍBLIA:  
TÓPICOS PARA ESTUDO,  
DEBATE E LEITURA DE GÊNERO

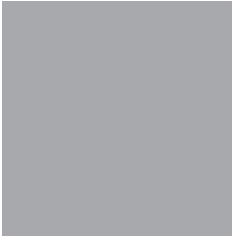
---

ISIDORO MAZZAROLO

Resumo: *a sexualidade e a afetividade, na Bíblia, podem ser tomadas como um grande tratado antropológico da alteridade e da leitura de gênero. Homem e mulher, Imagem e Semelhança de Deus, constituem-se no sujeito e objeto material da teologia e da fé.*

Palavras-chave: *afetividade, relacionalidade, antropologia do amor, alteridade e gênero*

A sexualidade e a afetividade são temas conhecidos, ao longo dos séculos, de duas formas: uma visão problematizada, em alguns povos e épocas; uma interpretação mitológica. Os conflitos no que concerne à sexualidade e à afetividade existem desde os primórdios da humanidade. Fora da Bíblia, de modo particular na sociedade grega, a moral era uma questão social, mas alicerçava-se mais nas questões individuais. Cada indivíduo era livre para proceder do jeito que quisesse, mas arcava com as conseqüências inerentes. A sociedade judaica encarava o comportamento humano como um fator essencialmente comunitário. Desta forma, todo o ato é social ou tem extensão na vida social. No que concerne à sexualidade, não basta aceitar as circunstâncias, do modo que elas se apresentam, é preciso legislar sobre todos os casos importantes. A tradição judaica tem seu código ético no que tange à sexualidade e à afetividade muito explícito e, até certo ponto, rígido (Lv 20,6-27).



O desafio de qualquer tratado exegético no campo da sexualidade, da homossexualidade ou afetividade é sua capacidade de alcance e compreensão dos fatores culturais, éticos e religiosos que formam a cultura de um povo. Tentar aprofundar uma reflexão neste campo significa poder penetrar todas as esferas de um conjunto de crenças, costumes, leis e tradições nas quais são traçados os perfis de um *modus vivendi*. É preciso reconhecer que aqui se constitui a dificuldade maior. Sempre que alguém volta para o passado, os arquétipos atuais e sua visão da história cultural podem condicionar sua pesquisa, estudo e interpretação. Nosso estudo visa oferecer uma reflexão sobre as questões da sexualidade, afetividade e maturidade antropológica como contributo para uma visão desta temática na Bíblia.

A homossexualidade é conhecida na linguagem antiga como uranismo<sup>1</sup> = inversão genital). Na tradição mitológica antiga eram compreendidos dois tipos de uranismo: a inversão artificial, que significava apenas um vício da relação homossexual; a inversão-perversão, considerada uma degeneração mental. Nesses dois campos, há inclinações para o homossexualismo com rejeição ao sexo oposto e há outra forma de homossexualismo, que é a indiferença ao sexo oposto. Para estes, a vida sexual normal produz um cansaço, repulsa e até impotência. A partir desta situação instala-se um comportamento genital anômalo. O amor uranista (invertido) é uma caminhada normal, na esfera psíquica, uma vez que ele possui todas as fantasias, caprichos, bem como paixão e violência. Na prática, no entanto, efemina-se nos homens e masculiniza-se nas mulheres. Estudos revelam que a vida sexual pervertida dura enquanto subsistir a força genital.

A origem do homossexualismo permanece desconhecida, mas a mitologia antiga já conhecia esta forma de comportamento. Platão definia três formas de ser humano: o homem; a mulher; e o heterógino. Na composição do ser humano, ainda na mitologia helenística, os seres tinham duas faces, quatro mãos, quatro pés, dois sexos, cada qual na posição inversa (era um duplex). O ser cujos dois sexos fossem masculinos era homem; os dois sexos femininos era mulher e havia uma terceira opção, que tinha um sexo masculino e outro feminino (heterógino). Assim se explicitava a homossexualidade na cultura grega. Uma briga de Zeus contra os humanos provocou o castigo contra os mais fracos. Zeus tomou os humanos e os partiu pela metade, misturando suas partes. Daquele momento em diante, cada parte busca sua outra meta-

de no desejo de reconstruir a felicidade original (MAZZAROLO, 2000b). Os que tinham os dois sexos masculinos procuravam outro homem como sua metade original; os que tinham os dois sexos femininos, buscavam uma mulher e os que tinham dois sexos diferentes, procuravam o sexo oposto para realizar seu complemento.

O homossexualismo é conhecido igualmente nas culturas romana e judaica. No código de ética judaica, o comportamento homossexual era considerado um desvio de conduta gravíssimo, sofrendo penalidade capital: “Se um homem se deitar com outro homem como se fosse com uma mulher, ambos cometem uma perversidade e serão punidos com a morte - são réus de morte” (Lv 20,13). Na cultura romana, o apóstolo Paulo faz referência a este estado ético, que, para seus esquemas mentais, era uma afronta ao estado natural:

*Por isso, Deus os entregou às paixões aviltantes: suas mulheres mudaram as relações naturais por relações contra a natureza; do mesmo modo os homens, deixando a relação natural com a mulher, arderam em desejo uns para com os outros, praticando torpezas homens com homens e recebendo neles mesmos o preço da sua aberração (Rm 1,26-27).*

Desta forma nota-se a antiguidade do homossexualismo. A cultura grega cria mitos para explicar esta forma de comportamento. A cultura romana cria leis jurídicas para coibir a incidência destes casos e o judaísmo estrutura um código de ética que insere a pena máxima. No entanto, a homossexualidade, independentemente de aceita ou condenada, constitui-se, ainda hoje, num fenômeno obscuro, uma trilha sinuosa e sem saída.

## A EDUCAÇÃO FAMILIAR NA FORMAÇÃO DA SEXUALIDADE

A educação familiar é o elemento primário na formação de uma sociedade. É na esfera familiar que se encontram os resquícios de uma moral doméstica. Esta configura uma compreensão da pessoa, homem ou mulher, no seu comportamento social. A paidéia (educação) grega procurava integrar os indivíduos numa forma comum de compreensão e visão de família, sociedade e mundo. Numa afirmação de Diógenes, a educação é graça para o jovem, consolo para o ancião, abundância

para o pobre e ornamento para o rico (Diógenes, *Laertius*, vi,68) (BARCLAY, 1959). Para muitos mestres antigos era preferível ser cego a não ser educado ou poder freqüentar uma academia. Na dimensão helenística do pensamento, a educação conduz à virtude e esta se torna uma arma que jamais pode ser abandonada ou perdida (Diógenes, *Laertius*, vi,12-13) (BARCLAY, 1959).

As sociedades antigas, especialmente as ocidentais, pregavam uma moral familiar monogâmica. No entanto, quer na Grécia antiga e mesmo na tradição judaica, eram conhecidos os costumes de ter uma mulher oficial e muitas concubinas, as quais moravam no mesmo teto e tinham os mesmos direitos que a mulher oficial. Os filhos desta conviviam com os filhos das concubinas sem diferenças, com a única restrição que, salvo exceções, os das concubinas não herdavam bens diretos (MOSSÉ, 1991). O adultério pesava sempre sobre a mulher, uma vez que ao homem esta prática era um certo direito.

#### A Administração Doméstica

A teoria da *oikos nomia* (lei da casa) foi educando a mulher para uma esfera interna do lar, ainda que, como escrava, ela tivesse que cultivar os campos e tomar conta dos rebanhos (Ct 1,5-6). “Tanto quanto possível, as moças eram separadas dos rapazes e cultivadas em suas casas na absoluta ignorância de tudo o que se passava no mundo” (STEGEMANN, 1993, p. 22). A mulher nas culturas antigas era educada a não se inteirar dos assuntos do marido, nem mesmo das relações comuns entre as famílias. “Quando a família recebia um convite para visitar outra, os homens e as crianças podiam ir, mas, salvo exceções, as mulheres ficavam em casa. E quando os homens tinham uma mulher como convidada, em sua casa, a esposa não podia participar da companhia” (BROOTEN, 1982, p. 137).

#### O Matrimônio na Sociedade Israelita

Herdeira da cultura babilônica e egípcia, a sociedade israelita proclama o matrimônio como monogâmico (uma só mulher). O Código de Hamurabi, por volta de 1700 a.C., determinava que o casamento do

homem seria com uma única mulher. Ele só poderia tomar uma segunda esposa (convivendo com a primeira) se a primeira fosse estéril (DE VAUX, 1977). Na tradição israelita patriarcal (Gn 12-50), encontram-se o caso de Abraão, que, por ter em Sarai uma mulher estéril, lhe é permitido tomar uma serva egípcia, chamada Agar, para prolongar sua descendência (Gn 12,5ss). Mais tarde, a primeira esposa, chamada Sarai, lhe dá filho Isaac e este passa a ser o filho da promessa (Gn 17,17-19).

Na sociedade israelita, a filha não-casada está sob a tutela do pai, e a esposa sob a dependência do marido.

#### O Paradigma da Monogamia

O primeiro relato da Criação (Gn 2,21-24) apresenta o homem casado com uma só mulher, assim também são casados alguns patriarcas como Noé (Gn 7,7), já Lamek tem duas mulheres (Gn 4,19). Todo o homem deveria ter uma só mulher diante da lei, mas poderia ter outras, não oficiais, que fossem livres ou escravas, em um número tal que ele as pudesse sustentar e sustentar seus filhos.

Na própria tradição patriarcal bíblica encontram-se exemplos da poligamia (diversas mulheres). Jacó trabalha sete anos como pagamento por Raquel, mas é enganado pelo sogro que lhe dá a irmã mais velha, Lia. Ele trabalha mais sete anos para conseguir a esposa de seus sonhos, mas acaba ficando com as duas irmãs por esposas (Gn 29,15-30). No período da monarquia, os reis de Israel tinham uma só esposa oficial, mas tinha muitas concubinas. A monogamia era apenas uma questão de fachada. O número de mulheres era tão grande e variava de acordo com os desejos e as possibilidades do homem. No início da legislação judaica não havia limites. “Numa tentativa de regulamentação tardia, o Talmud fixava em quatro mulheres para um homem comum e dezoito para um rei. Na verdade, era uma questão absolutamente teórica” (DE VAUX, 1977, p. 62). De igual modo, nas famílias islâmicas, o número de mulheres é relativo ao poder econômico do homem. Neste aspecto, a legislação social depende exclusivamente do direitos do homem.

## A EDUCAÇÃO RELIGIOSA NA FAMÍLIA

A moral doméstica determina, aos poucos, a moral religiosa. Diante de situações concretas e existenciais nascem imperativos morais que se transformam em padrões de comportamento religioso. Muitas vezes, em uma conflitividade pessoal ou comunitária, acontece o surgimento de uma apocalíptica religiosa, uma certa luta entre as forças divina e humana, entre a fé em Deus e os temores de Satã. Nestes tumultos existenciais, muitas vezes, elaboram-se as teses principais da Transcendência, de Deus e do ser humano (KITTEL, 1931).

Na esfera religiosa, a tradição veterotestamentária encontra a reforma de Esdras, que institui a lei da raça pura e os direitos de divórcio pelos mesmos motivos. Abre-se, a partir do IV a.C., uma ruptura ainda maior na sociedade judaica à segregação dos sexos e ao tratamento da mulher. Aos poucos esta forma de procedimento passa a tomar o caráter de cultura sendo introjetado na educação religiosa familiar e comunitária.

## A EDUCAÇÃO SOCIAL: A SEXUALIDADE DA MULHER A SERVIÇO DO ESTADO

Na esfera social, a sexualidade está muito vinculada ao casamento, às relações familiares referentes à prática do casamento e à finalidade última das relações sexuais. No mundo helenístico são encontrados diferentes conceitos, de acordo com as escolas de pensamento e também de acordo com os períodos históricos. Uma teoria pregava o casamento para os “maduros”, descartando os outros: “Para o jovem, ainda não; para o velho, não mais”.

Na esfera social, a mulher estava a serviço do Estado, na medida em que emprestava seu corpo para gerar filhos para a guerra, para a defesa do rei e para a guarda dos palácios dos nobres (1Sm 8,11ss)<sup>1</sup>. O casamento, na teoria platônica, tinha como finalidade principal gerar filhos para o Estado. A finalidade do matrimônio era apenas para homologar a legitimidade dos filhos na relação sexual. Os filhos das concubinas e as próprias concubinas participavam em tudo da vida familiar, mas não tinham os mesmos direitos que as mulheres oficiais e os filhos destas (MAZZAROLO, 1997).

Na esfera social, a mulher recebia um espaço que não era espaço. Ela tinha uma área de comando (os cuidados da casa e dos filhos) que não era poder. Ela, dentro de casa ou fora dela, dependia sempre do seu esposo, por isso, a estrutura social criava uma separação e segregação dos sexos que não era outra coisa senão submissão<sup>2</sup>.

### A SEXUALIDADE A SERVIÇO DE INTERESSES

Todas as culturas antigas incentivavam o casamento e condenavam, paralelamente o celibato e a esterilidade. Este servia para evitar aquilo que nenhuma aceitava: o lesbianismo e o homossexualismo, ainda que presentes em todas elas. O celibato masculino e mais ainda feminino eram mal vistos em virtude desses perigos. Para evitar que jovens indecisos retardassem sua opção pelo casamento, os gregos criavam as *gymnopédias* (danças nuas). Essas danças provocavam os jovens a assumir o matrimônio na fase central de sua juventude. Pesavam sobre esses interesses os temores dos desvios da sexualidade.

Se o não-casamento dos rapazes era perigoso ao surgimento de vícios, o celibato das moças era impensável. As guerras, as calamidades e as pestes dizimavam mais homens que mulheres. Nisto, o ventre materno era visto como o receptáculo da continuidade da espécie, da descendência e do povo. Uma mulher que se recusasse ao casamento e a ter filhos era considerada amaldiçoada por Deus. Na verdade, em sociedades androcêntricas, cabia à mulher um papel de ser escrava do lar, gerar filhos e trabalhar (BROOTEN, 1982).

### AS PROJEÇÕES DO ANDROCENTRISMO BÍBLICO

A sociedade israelita, particularmente nos tempos da reconstrução das tradições com Esdras, estabelece regras próprias no relacionamento com a mulher. Se no pré-exílio as coisas não eram favoráveis à mulher, depois ficam piores. O período da reconstrução de Jerusalém, conhecido como a “reforma de Esdras”, serviu para que um grupo de sacerdotes e rabinos estabelecessem como regras básicas para a mulher sua dependência absoluta do marido. A família determinava com quem a moça podia se casar. A expressão erótica do amor era impensável, particularmente da

parte da moça. No entanto, a sexualidade, que desempenha um papel importante na formação das relações humanas, tornava-se um pesadelo, uma frustração e um tédio. É na sexualidade que o ser humano expressa a integração das forças e potencialidades que permitem a sensação do fator erótico (ANDREOLA; MAZZAROLO, 1994). Desta forma o livro dos Ct sublinha e declama o corpo e suas partes como o espaço do amor. O ser humano não tem corpo, ele é corpo. “O corpo é o ser, em sua totalidade e em todas as suas expressões, que passa do eros ao agápe” (ANDREOLA; MAZZAROLO, 1994, p. 22).

#### A Mulher como Propriedade da Família

No Decálogo (Ex 20,17) a mulher é tratada como uma das posses do marido. Ela não tem existência em si mesma. Ela só existe na submissão ao pai, se solteira; na submissão ao marido, se casada e na submissão ao seu patrão, se escrava. A mulher não se pertencia. O seu destino estava nas mãos de seus possesores. Assim, neste livro dos Ct, ela reclama: “Não me olheis com desdém, por ser morena! Foi o sol que me queimou, pois os filhos da minha mãe, aborrecidos comigo, puseram-me a guardar as vinhas, e a minha própria vinha<sup>3</sup> não pude guardar” (Ct 1,6). Os irmãos (homens) tinham ascendência sobre as irmãs e atribuíam a elas as tarefas de cuidar dos campos, dos rebanhos de cabras, expondo seu corpo ao sol, ao calor e ao frio, sem condições de cultivar sua beleza. O tempo da mulher cuidar do seu corpo é trocado pelo tempo que ela fica nos campos.

#### A Mulher, o Sexo e o Divórcio

Com a reforma de Esdras, no período pós-exílico, o judaísmo “puro” torna-se o símbolo do judaísmo elitista e excludente na tradição deste povo. A lei dos matrimônios passa a ser a lei da raça pura. Argumentando razões de culto, de fé e de obediência aos estatutos, Esdras e os sacerdotes responsáveis pela restauração judaica excluem todos os que não eram legitimamente judeus. Por princípios raciais determinam que todos os judeus casados com mulheres não judias as mandem embora dando-lhes a carta de divórcio (Esd 9-10).



A família, castradora dos sentimentos dos jovens, moças e rapazes, passa a ter outro elemento para oprimir mais estes sentimentos. A ganância dos irmãos por dinheiro faz logo pensar na forma de comercializar os sentimentos das moças: “Temos uma irmãzinha, ainda não tem seios. O que faremos por nossa irmã, quando alguém pedir sua mão? Se ela é uma muralha, vamos construir-lhe ameias de prata; se é uma porta, vamos reforçá-la com pranchas de cedro” (Ct 8,8-9).

#### Sexualidade: manipulação e frustração

Em sociedades em que a formação dos jovens está nas mãos de interesses, a sexualidade sofre perturbações e desvios. O livro dos Ct é o melhor exemplo bíblico das manipulações da sexualidade determinadas pelos interesses familiares ou políticos. De um lado, temos a ganância dos irmãos, os quais não se perguntam se a irmãzinha vai ser feliz ou não, mas se perguntam pela quantia que podem ganhar. Do outro, estão o rei ou os ricos, que, com seus direitos de semideuses, podem pedir qualquer moça para seu harém no palácio<sup>4</sup>. Qualquer moça que esteja num átrio de concubinas será sempre uma concubina. O amor pode vir misturado com vinho, licores e perfumes, mas a cama, na qual ele se complementa no ato sexual, será sempre a expressão da exploração, será sempre uma cama fria (ANDREOLA, 1994). O beijo, manifestação sensível do amor, expressão do desejo da paixão, não será manifestação de alguém que ama, mas de alguém que explora (VVAA, 1963). Se os perfumes, as fragrâncias e os vinhos criam um ambiente de deleite, sensualidade e ternura (Ct 1,3; Ez 16,8; 23,17; Pr 7,18), a frieza do amor pode produzir o desconforto, o tédio e a frieza sexual.

Em algumas culturas antigas, os gestos afetivos de saudação eram reprimidos por serem considerados obscenos. Em outras, os gestos afetuosos podiam ser manifestados, mas em alguns lugares reservados. Gaiser (1994, p. 41) afirma que os costumes variavam:

*No antigo Egito, o contato de dois corpos era pela aproximação dos narizes, o qual servia mais a uma função de cheirar que de tocar. Mas no Oriente Próximo, até onde os documentos nos permitem recuar, os amantes se beijavam nos lábios. No mito sumério de Enlil e Ninlil, a virgem Ninlil afirma: ‘Meus lábios estavam tão próximos (no encosto dos narizes) e no*

*entanto eu nunca fui beijada'. Algumas pinturas sumérias mostram os amantes beijando-se nos lábios. No mito ugarítico de Shacar e Shalin, El aparece unido a duas mulheres.*

Um outro elemento a ser observado é a chamada espiritualização da sexualidade. De modo particular na leitura do livro dos Ct foi um fator marcadamente unidirecional<sup>5</sup>. A interpretação mística do texto fez ver que a “vinha da amada” é a Lei eterna, o Deus de Israel, a Assembléia de Israel ou o nome do Eterno<sup>6</sup>.

#### O Confinamento dos Sentimentos e a Privação da Afetividade

A felicidade não pode ser comprada ou vendida. A antropologia do amor perpassa todas as esferas e estruturas do ser humano. É preciso deixar que o amor, a afetividade e a sexualidade acordem no seu tempo correto (Ct 8,4). Despertar a sexualidade de modo interesseiro, usá-la para ter proveitos econômicos ou interesses provoca distúrbios comportamentais na vida.

Sobre a moça pesam os preconceitos da virgindade, da pureza e da castidade. Ela tem a obrigação de apresentar o selo da integridade física, ser um jardim fechado, uma fonte lacrada (Ct 4,12). E para manter toda essa estrutura de castração e dominação ela tem que usar o véu. Este serve para esconder, velar e cercear. Na festa de núpcias ela se apresenta ainda velada ao seu noivo, mesmo para indicar que não se havia revelado a ninguém (Ct 4,1.3; 6,7) (TOURNAY, 1967). Ela, ainda que esposa do rei, neste Cântico, jamais é mostrada como rainha. Ela recebe elogios, ela é formosa, mas não recebe o título. Para Tournay, no folclore árabe da Síria, uma jovem que desposasse um rei poderia automaticamente considerar-se rainha (VVAA, 1963).

O amor é forte como a morte (TOURNAY, 1967). Esta expressão revela a força do amor e os perigos dos seus desvios. Este amor mal orientado se transforma em ciúme e em desequilíbrio<sup>7</sup>. O amor e a paixão profundas jogam com os extremos.

*Guardai-vos, pois, de esquecer a aliança que o Senhor, vosso Deus fez convosco, fazendo imagens ou figuras de tudo o que o Senhor vosso Deus vos proibiu. Por que o Senhor vosso Deus é fogo abrasador, é um Deus ciumento (Dt 4,23-24).*

Um juramento de amor envolve uma totalidade e não as partes. Se esta totalidade entrar em crise, o amor pode transformar-se em ódio, vingança, destruição: “Põe-me como um selo sobre teu coração, como um selo sobre teu braço. Porque é forte o amor como a morte, e a paixão é tão violenta como o abismo: suas centelhas são incendiárias, são labaredas intensas” (Ct 8,6).

## PROPOSTAS EMERGENTES DA AFETIVIDADE, SEXUALIDADE E ALTERIDADE

### O Amor e a Justiça Não Acontecem por Decretos

As tradições familiares da educação da mulher como serva do marido, da mulher como escrava do homem e da impossibilidade de uma jovem rejeitar seu namorado, de tomar a iniciativa de namorar com liberdade, não contribuem para um plano efetivo do amor.

O amor passa pelos sentimentos, pelos gestos e por um ambiente todo. O dinheiro, as jóias, os presentes podem contribuir, como também podem não significar nada. O Cântico deixa clara a mensagem que nada pode comprar o amor (8,7). O rei enfeitou a amada como a égua do faraó (1,9-11), mas ela sente que nos presentes não havia amor, afeto e calor humano, por isso ela rejeita tudo, e orienta seu amado verdadeiro para que espere nos campos (8,14).

### É Preciso Amar o Amor

Francisco de Assis, no século XIII (out. 1182- 03 out. 1226), proclama abertamente que o “amor não é amado”. O texto é uma denúncia diante das reformas de Esdras, no período do retorno do exílio. Ele instituiu normas rígidas para o culto, para a observância da lei e com elas exigiu a pureza da raça. Essas mudanças instituíram o direito dos privilegiados e os desfavores aos desgraçados. As mulheres estrangeiras perderam seus direitos, seus filhos caíram automaticamente, por força da lei, na submissão aos filhos dos outros e aos direitos dos privilegiados.

Não há caminho para Deus sem a justiça, pregava o profeta Isaías (Is 1,10-17). O amor exige um cuidado sério com as feridas do povo, clamava

o profeta Jeremias (Jr 6,14-15). E se a justiça dos homens não superar a dos escribas e fariseus, não há como entrar no Reino dos Céus (Mt 5,20).

Amar o amor é um imperativo e não uma sugestão. Só o amor concreto que passa pela adesão ao serviço diaconal, de doação gratuita aos menos favorecidos, pode ser sinal de comunhão com Deus e de pertença ao grupo dos discípulos de Jesus (Jo 13,1-35).

### O Amor Tem seu Tempo

A maturidade biológica nem sempre está relacionada com a maturidade psicológica. Os desejos dos pais nem sempre são os desejos dos filhos. Os costumes familiares, a filosofia dos antepassados, nem sempre é válida para as décadas posteriores.

O amor é algo que brota do coração. A mitologia grega é muito sábia neste aspecto. Para os gregos, o amor é uma questão de despertar para a vida. Nem todos acordam ao mesmo tempo, nem todos buscam as mesmas coisas e se satisfazem com as mesmas ofertas.

É preciso não acordar o amor, não matar o amor. Uma jovem e um rapaz não podem casar-se porque seus pais gostam ou porque as famílias se dão bem. Um povo não pode ser “estuprado” pelos delírios de um soberano. Os sonhos e as utopias de dois jovens devem ser orientados, mas jamais truncados pelos critérios de dinheiro, profissão ou *status*.

### É Preciso Rejeitar a Falácia dos Políticos

Esdras justificava toda a opressão sobre os agricultores, aqueles que não eram judeus ‘puros’ (geneticamente), afirmando que era uma questão de direito. Hoje, a imunidade parlamentar, os supersalários, os resultados de corrupção de gerações anteriores tornam-se “direitos adquiridos”.

A riqueza não pode ser o preço da miséria e da exploração dos pobres. As favelas também são habitadas por pessoas. O conceito de marginal não vale apenas para o assaltante, vale ainda para aquele que não considera o outro como seu irmão e, por meio de artifícios jurídicos, de leis mal elaboradas ou intencionalmente distorcidas (Is 10,1-2), oprime, maltrata e explora.

### O Matrimônio É uma Aliança no Amor e na Justiça Libertadora

- O profeta Oséias rejeitava os direitos machistas de divórcio, afirmando que a solução para as dificuldades no casamento é o perdão, o diálogo no “deserto” e a recuperação do amor no estilo dos tempos de namoro (Os 2,14-16).
- O profeta Malaquias rejeita a lei dos divórcios, instituída por Esdras (Esd 9-10), afirmando que não é lícito ao homem dar carta de divórcio para a jovem que ele amou na juventude em virtude de uma concessão legal ou interesse pessoal (Ml 2,15-16).
- Ao longo dos poemas do Cântico, nota-se que o rei busca usar seus poderes para chantagear a jovem, mas ela tem seu amor voltado para o pastor. Para o pastor ela é a amada e para ela o pastor é o amado. O rei não passa de um intruso no caminho dos dois a complicar seus sonhos.

### O Amor É uma Arte dos Sábios e Simples

- Como o amor não é algo que se pode comercializar, quem quer ser feliz precisa encontrar a arte de construí-lo. A manipulação dos sentimentos é a destruição e a morte do ser. Ninguém pode tolher a seu irmão ou irmã o direito de amar. O amor é o mais forte, é o último que morre (1Cor 13,13).
- A consciência sábia, a perspicácia dos simples e a prudência dos inteligentes encontram caminhos para a felicidade perfeita.

### Quem Sabe Faz a Hora

- Não há caminhos prontos. “O amor tem dificuldade de habitar na cidade e muito mais de conviver com a autoridade”. Quem quer o amor precisa dar tudo o que tem para possuí-lo (Mt 13,44).
- Uma grande mensagem que este livro nos mostra é a capacidade de resistir e de protestar. A amada resiste à pressão e ao despotismo do rei até o fim, e conclui: “Minha vinha é só minha” (8,12)! Ninguém pode arrebatá-la a liberdade e a autonomia. Cada um tem uma missão importante a realizar e dela não pode abdicar. Por outro lado, não pode permitir que alguém o impeça de realizar seus grandes sonhos.

Quem acredita não espera, “faz a hora” acontecer. A vida tem muitas propostas, um só é a que constrói o amor.

#### A Mulher e o Homem: imagem e semelhança de Deus

Em muitas culturas orientais, a mulher é a imagem e semelhança do homem, mas não de Deus. A forma e o tratamento a ela auferidos carecem de dignidade e de nobreza.

O livro dos Cânticos deixa entrever claramente uma consciência política e social muito madura. Todos os seres humanos são criaturas divinas e merecem respeito independentemente da sua cor, raça ou sexo.

Dotada de fantasia, graça e beleza, a mulher acompanha o homem como pai, como esposo ou como irmão, formando uma união de laços sentimentais e de compromissos conviviais, na construção da justiça e da fraternidade universais.

#### CONCLUSÃO

Uma leitura bíblica de gênero, sob a perspectiva da afetividade, sexualidade, alteridade, maturidade política e libertadora do amor e da justiça, demonstra o quanto esse livro Sagrado se preocupa com a vida e com a dignidade do ser humano, homem e mulher, jovem e criança.

#### Notas

<sup>1</sup> A origem do termo “uranismo” para caracterizar o homossexualismo é obscura. Platão afirmava que Urânia era a ninfa gerada por Urano, mas sem mãe. Urânia era a senhora do universo, representada com um globo terrestre em suas mãos. Ela tinha uma varinha com a qual indicava a direção dos astros. Outra fonte da origem do nome pode vir da mitologia de Urano, o deus do cosmos, filho de Gea (terra), para outras correntes, filho do Mar. Segundo Cícero, Urano é pai de Vênus com Hémera. Mais tarde, Urano é mutilado por Cronos e das gotas de seu sangue nascem gigantes e ninfas (Cf. Spasa Calpe, Uranos).

<sup>2</sup> Na verdade, quase todas as nações antigas concediam direitos irrestritos aos homens porque estes tinham direitos sociais sobre as mulheres e estas estavam a serviço da instituição (MAZZAROLO, 1997, p. 49).

- <sup>3</sup> “Male power in the public sphere is rightly acknowledged. In the public sector sexes are usually segregated and deference is given to the male by his female (Friedl, 1968,43). But Friedl makes a significant point beyond this. In the Mediterranean world, if the family is the most significant social unit, then the private, and not the public sector, is the sphere in which the relative attribution of power to males and females is of the greatest importance...” (HOBBS *apud* MAZZAROLO, 1997, p. 53-4).
- <sup>4</sup> A vinha, no contexto bíblico, pode significar campo, pode significar cultivo de videiras ou parreiras e também, como aparece neste livro dos Ct, a vinha pode ser o próprio corpo.
- <sup>5</sup> Alguns autores argumentam que ser concubina do rei era uma grande honra para qualquer moça, mas nenhum deles se pergunta como era a vida da concubina. O rei enchia a concubina de brincos e argolas, mas quanto mais pingentes, mais peso e dominação, menos liberdade e amor.
- <sup>6</sup> Mostramos nestas páginas a ênfase que foi dada a uma leitura mística, para evitar uma leitura mais profética da história. Um simbolismo teórico e místico proveniente de interpretações rabínicas deteriorou uma possível leitura antropológica ou sociológica do texto (ANDREOLA; MAZZAROLO, 1994, p. 14-5).
- <sup>7</sup> Na interpretação de Grad (1970, p. 105), os Rabinos Aba, Hiya e Yohanan, a vinha da amada era a Lei do eterno, e ela não pode ser guardiã desta lei porque teve que ser guardiã da vinha de ídolos (seus irmãos eram pagãos e idólatras).
- <sup>8</sup> Veja o amor de Deus transformado em ciúme: Ez 8,3-5; 16,38.42; Dt 4,24; 5,9; 32,16; Ex 20,5 (TOUNAY, 1967, p. 153).

## Referências

- AISLEITNER, J. *Die mythologischen und kultischen Texte aus Ras Schamra*. BOH 8, Budapest, 1964.
- ANDREOLA, J.; MAZZAROLO, I. *Cântico dos Cânticos, a mais bela canção*. São Paulo: Paulinas, 1994.
- ASENSIO, F. *Cantar de los Cantares*. Madrid: 1969.
- BARCLAY, W. *Hellenistic thought in the New Testament times - the Cynic, the way of renunciation*. *Expositori Times*, v. 71, p. 373, 1959.
- BARSOZZI, D. *Le Cantique des Cantiques*. Paris: Téqui, 1983.
- BAUER, W. *Wörterbuch zum Neuen Testament*. New York: W de G, 1971.
- BERHARDT, K.H. *Das Problem der altorientalischen Königsideologie im AT*. Supplm. à VT VIII, 1961. p. 271ss.

- BROOTEN, B. *Women leaders in the ancient sinagogue*. California: Scholarpress, 1982.
- BUDDE, K. *Das Hohelied*: KHC 17/1. Freiburg im Breisgau. Leipzig: Mohr, 1898.
- BUZY, D. *Le Cantique des cantiques, traduit et commenté: la Sainte bible 6/3*. Paris: Letouzey et Ané, 1946.
- CAQUOT, A. M.; SZNYCER; HERDNER, A. *Textes Ougaritiques*. Paris: Cerf, 1974.V. 1.
- CASTELLANI, J. *Shemá Israel*. São Paulo: A Gazeta Maçônica, 1977.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. 8. ed. Rio de Janeiro: J.Olympio, 1994.
- CHOURAQUI, A. *Le Cantique des Cantiques suivi des Psaumes*. Vendôme: Presses Universitaires de France, 1970.
- DALMAN, G. *Palästinischer Diwan; Als Beitrag zur Volkskunde Palästinas gesammelt und mit Übersetzung und Melodie herausgegeben*. Leipzig: Hinrichs'sche, 1901.
- DE AMBROGGI, P. *Il Cantico, Drama d'amore sacro*. [S.l.]: Alba R., 1952.
- DE VAUX, R. *Le Istituzioni dell'Antico Testamento*. Totino: Marietti, 1977.
- DELITZSCH, F. *Commentary on the Song of Songs and Ecclesiastes*. KEIL, von C. F.; DELITZSCH, F. *Commentary on the Old testament*. Repint, Grand Rapids: Eerdmans, 1982. V. 6.
- DHORME, É. *Les Religions de Babylonie et d'Assyrie*. Paris: [s.n.], 1945.
- DOUGLAS, E. Van B. The Sacred Marriage in the Early times in *Mesopotamia*. *Orientalia*, NSXIII, 1944. p.1-72.
- DUBARLE, A.-M. L'amour humain dans le Cantique des Cantiques. *RB LXI*, p. 67-90, 1954.
- EICHER, P. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*. São Paulo: Paulus, 1993.
- FOX, M. V. *The Song of Songs and the Ancient Egyptian Love Songs*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1985.
- GAISSER, F. J. *The Song of Songs*. Minneapolis: Fortress, 1994. p. 41.



- GARDINER, A. H. *The Library of A. Chester Beatty; Descriptions of a Hieratic Papyrus with a Mythological Sotory, Love Songs and Other Miscellaneous Texts; The Chester Beatty Papyrus, n. 1*. London: Oxford University Press, 1931.
- GERLEMAN, G. R. *Das Hohelied. BKAT 18*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 1965.
- GIBSON, J. C. L. *Canaanite Myths and Legends*. 2. ed. Edingurgh: T&T, 1978.
- GINSBURG, C.D. *The Song of Songs*. New York: Ktav, 1970.
- GOTTWALD, N. *Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo: Paulus, 1988.
- GRAD, A.-D. *Le Véritable Cantique de Salomon*. Paris: Maisonneuve et Larose, 1970.
- HALLER, M. *Die fünf Megillot*. HAT 1/18. Tübingen: Mohr, 1940.
- HERDER, J. G. *Lieder der Liebe; Die ältesten und schönsten aus dem Morgenlande; Nebst vier und vierzig altn Minneliedern*. Leipzig: Weyfandsche, 1778.
- HERMANN, A. *Altägyptische Liebesdichtung*. Wiesbaden: Harrassowitz, 1959.
- KEEK, O. *The Song of Songs: a continental comentary*. Mineapolis: Fortress Press, 1994.
- KEEL, O. *Deine Blicke sind Tauben; Zur Metaphorik des Hohen Liedes*. SB 114/115. Stuttgart: Katholisches Biberwerk, 1984.
- KITTEL, G. *Die Religionsgeschichte und das Christentum*. Tübingen: Verlag, 1931.
- KRAMER, S. N. *The Sacred Marriage Rite; Aspects of Faith, Myth and Ritual in Ancient Sumer*. Bloomington: Indiana University Press, 1969.
- KRINETZKI, G. *Kommentar zum Hohenlied; Bildsprache und theologische Botschaft*. BBET 16. Frankfurt am Main and Bern: Peter D. Lang, 1981.
- KRINETZKI, G. *La Poésie amoureuse des Égyptiens, Causeries d'Égypte*. Paris: [s.n], 1907.
- LURKER, M. *Dicionário de figuras e símbolos bíblicos*. São Paulo: Paulus, 1993.
- MASPERO, B. Les chants d'amour du Papyrus de Turin et du Papyrus Harris. *JA*, v. 8, n. 1, p. 18-47, 1883.
- MASPÉRO, G. Les Chants d'amour du papyrus de Turin et du papyrus Harris. *Études égyptiennes*, Paris, n. 500, 1883.

- MAZZAROLO, I. *A Bíblia em suas mãos*. 7. ed. Rio de Janeiro: I. Mazzarolo, 2005.
- MAZZAROLO, I. *Cânticos dos Cânticos, uma leitura política do amor*. Rio de Janeiro: I. Mazzarolo, 2000a.
- MAZZAROLO, I. *Paulo de Tarso, tópicos de Antropologia bíblica*. 2. ed. Rio de Janeiro: I. Mazzarolo, 2000b.
- MCKENZIE, J. L. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- MOSSE, C. *La femme dans la Grèce Antique*. Paris: Complexe, 1991.
- MÜLLER, W. M. *Die Liebespoesie der Ägypter*. Leipzig: Hinrichs'sche, 1899.
- NEHER, A. Le symbolisme conjugal, expressin de l'histoire dans l'Ancien Testament. *RHPR XXXIV*, p. 30-49, 1954.
- ODELAIN, O. ; SÉGUINEAU. *Dictionnaire des noms propres de la Bible*. Paris: Cerf, 1978.
- PELLETIER, A.-M. *O Cântico dos Canticos*. São Paulo: Paulus, [1980]. (Cadernos Bíblicos, 68).
- PIATTI, P. *Il Cantico dei Cantici*. Roma: [s.n.], 1958.
- PIRENNE, A. *Hisroire de la civilization de l'Égypte ancienne*, II. [S.l.:s.n.], 1962.
- POPE, M.H. *Song of Songs*. AB 7c. New York: Doubledau, 1977.
- POSENER, G. *Catalogue des ostraca hiératiques littéraires de Deir el Médinah*. V. 2, Núm. 1109-1266. Documents de fouilles publiés par les membres de l'Insitut Français d'Archeologie orientale du Caire, 18. Fasc. 3. Cairo, 1972.
- PRITCHARD, J. B. *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*. 3d. ed. Princeton: Princeton University Press, 1969.
- RAVASI, G. *Cântico dos Cânticos*. São Paulo: Paulinas, 1988.
- RICCIOITTI, G. *Il Cantico dei Cantici*. Torino: [s.n.], 1928.
- ROBERT, A.; TOURNAY, R. *Le Cantique des Cantiques*. Paris: Gabalda, 1963.
- ROZLAR, M. *Le Cantique des Cantiques (expliqué) sur la base de la poésie érotique gréco-hellenistique (en hébreu moderne)*, *Iskolot*, I. Jerusalem: [s.n.], 1954.
- RUDOLF, W. *Das Buch Ruth; Das Hohe Lied; Die Klagelieder*. KAT 18/1-3. Gütersloh: Gerd Mohn, 1962.

- SCHMÖKEL, H. *Heilige Hochzeit und Hohes Lied*. AKM 32/1. Wiesbaden: Kommissionsverlag Franz Steiner, 1956.
- SCHNEIDER, H. *Das Hohelied*. Herders Bibelkommentar 7/1. Freiburg im Breisgau: Herder, 1962.
- SCHOTT, S. *Altägyptische Liebeslieder; Mit Märchen und Liebesgeschichten*. BAW. 2d. ed. Zurich: Artemis, 1950.
- SIMPSON, W. K. *The Literature of Ancient Egypt; Na Anthology of Stories, Instructions and Poetry*. London: Yale University Press, 1972.
- STADELMANN, J. L. *Cântico dos Cânticos*. São Paulo: Loyola, 1993.
- STEGEMANN, W. Paul and the sexual mentality of his world. *BThB*, n. 23, p.22, 1993.
- SUYS, E. Les Chants dá mour du papyrus Chester Beatty I. *Biblica*, XIII, p. 209-227, 1932.
- TOURNAY, R. *Le Cantique des Cantiques*. Paris: Cerf, 1967.
- VV.AA. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- VV.AA. *Illustrated Dictionary & Concordance of the Bible*. New York; London: Macmillan Publishing Company, 1986.
- VV.AA. *Le Cantique des Cantiques*. Paris: Gabalda, 1963.
- VV.AA. *The New Brown, Driver, and Briggs Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*. Lafayette, Indiana: Associated Publishers and Authors, 1981.
- VV.AA. *Theologisches Wörterbuch zum Alten Testament*. Kohlhammer Stuttgart, Berlin: Köln, 1982-1995.
- WHITE, J. B. *A Study of the Language of Love in the Song of Songs and Ancient Egyptian Poetry*. SBLDS 38. Missoula, Mont: Scholars Press, 1978.
- WINTER, U. *Frau und Göttin; Exegetische und ikonographische Studien zum weiblichen Gottesbild im Alten Israel und in dessen Umwelt*. OBO 53. Fribourg: Universitätsverlag; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1983.
- WITTEKINDT, W. *Das Hohe Lied und seine Beziehungen zum Ishtar Kult*. Hannover: Orientbuchhandlung Heinz Laroire, 1926.
- WÜRTHWAIN, E. Das Hohelied. In: WÜRTHWEIN, E.; GALLING, K.;

PLÖGER, O. *Die fünf Megilloth*. 25-71. HAT 1/18. 2. ed. Tübingen: Mohr, 1969.

ZORELL, F. *Lexicon Hebraicum et Aramaicum Veteris Testamenti*. Roma: Pontificium Institutum Biblicum, 1968.

Abstract: *sexuality and affectivity, in the Bible, may be consider as a great anthropological study of altruistic identity and genre interpretation. Man and woman, Image and Image of God, they are the subject and object material to theology and faith.*

Key words: *affectivity, relationship, anthropology of love, the valuation of the different and genre*

ISIDORO MAZZAROLO

Pós-doutor pela École Biblique et Archéologique de Jérusalem. Professor de exegese bíblica na PUC-Rio. *E-mail*: isidoro@rdc.puc-rio.br, mazzarolo@ig.com.br